

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 61

Data: 15.02.81

Pg.: \_\_\_\_\_

## Na Funai, indecisão de 3 anos atrasa projeto

### Usina será desativada

No próximo mês, a Cooperativa Regional Triticola Serrana Limitada (Cotrijuf), do Rio Grande do Sul, estará completando três anos de espera por uma decisão da Fundação Nacional do Índio (Funai) sobre o que será feito com uma área de pouco menos de 400 mil hectares que seria usada para o reassentamento de duas mil famílias de pequenos agricultores gaúchos, nos municípios de Altamira e Prainha, no Pará. A área, que começaria a ser ocupada pelos agricultores associados à cooperativa em 1979 foi interditada em março de 78 pela Funai sob a alegação de que ali vivem periodicamente índios da tribo Araras, que são nômades. Até hoje, a interdição não foi levantada, e tampouco a direção da Funai resolveu se a gleba será transformada em reserva indígena.

O presidente da Cotrijuf, Rubem Igenfritz da Silva, afirma que foram instalados dois acampamentos da Funai na área, mas que nesses três anos os sertanistas da entidade ainda não conseguiram uma aproximação com os índios. O diretor-superintendente da cooperativa, Clóvis Farina, assegura que os funcionários da Funai já percorreram mais da metade da área várias vezes e não encontraram os araras, o que pode indicar que o que a Fundação supunha que fossem índios não passassem de alguns garimpeiros dispersos.

Junto aos 397.944 hectares que a Cotrijuf comprou do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), à margem da estrada Transamazônica, entre seus quilômetros 85 e 175, há uma usina de produção de açúcar. Esta usina, que também pertence ao Incra, foi cedida sob regime de comodato à cooperativa, que passou a operá-la e administrá-la em fevereiro de 1979. Igenfritz da Silva disse que isto serviria para que os funcionários da Cotrijuf, e mesmo sua direção, tivessem um primeiro contato com a realidade da região que seria ocupada.

A usina de açúcar à margem da Transamazônica está dando prejuízo (Cr\$ 80 milhões no ano passado, disse o presidente da Cotrijuf), e a direção da cooperativa não tem mais interesse em continuar administrando-a, principalmente porque, apesar do empenho em executar o projeto de colonização, há a dúvida sobre sua viabilidade, já que a área pode ser decretada reserva indígena. Se isto se confirmar, Igenfritz da Silva disse que não tem sentido a cooperativa continuar na usina, tão longe de seus associados, que estão todos no Sul.

O fechamento da usina causaria um problema social, já que ela absorve a produção de aproximadamente 600

pequenos plantadores de cana, transformando-a em 300 mil toneladas anuais de açúcar. O presidente da Cotrijuf calcula que umas 1.500 pessoas dependem direta ou indiretamente dela.

Mas há muitos problemas que dificultam sua viabilidade econômica, a começar pela própria qualidade da cana produzida, que foi melhorada nos últimos anos, mas que ainda não é a ideal. Um outro problema apontado por Igenfritz da Silva é a dificuldade de transporte, que obriga a administração a gastar muito em almoxarifado e com difíceis deslocamentos para Altamira e Santarém.